

Referencial teórico: Desenvolvimento e sistematização das leituras

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

- Fornecer elementos para o desenvolvimento do referencial teórico da pesquisa.
- Aplicar conhecimentos referentes à prática de pesquisa bibliográfica histórica.
- Compreender a importância da leitura para a elaboração da base conceitual do projeto e da construção do objeto de pesquisa.
- Aprender a selecionar e sistematizar informações obtidas através da leitura pela prática de elaboração de fichamentos.

ROTEIRO DE ESTUDOS

- SEÇÃO 1 - Base conceitual
- SEÇÃO 2 - Exploração do tema através das leituras
- SEÇÃO 3 - Como elaborar um resumo
- SEÇÃO 4 - Comparando ideias nos textos

PARA INÍCIO DE CONVERSA

A partir da organização das leituras, você deverá estruturar o corpo conceitual, teórico e metodológico de sua pesquisa. Nesta unidade, destaque será dado à escolha e seleção de suas leituras, ou seja, como você deve proceder para não “selecionar” amplamente e nem efetuar leituras que não contribuam para o desenvolvimento de seu projeto.

As leituras são necessárias e devem estar presentes ao longo do processo de pesquisa. De modo geral, o referencial teórico do trabalho é construído para fundamentar as argumentações na pesquisa. Vamos lá?

SEÇÃO 1 BASE CONCEITUAL

Uma das maneiras de compor seu referencial teórico é construindo o modelo de análise com base em um conceito. O conceito é uma ferramenta para a compreensão de uma realidade ou fenômeno. Elaborar a base conceitual da pesquisa é muito mais do que formular uma retórica repleta de frases pomposas ou cumprir as normas de pesquisa exigidas. O pesquisador necessita realizar uma operação complexa que envolve a dialética entre a teoria e a experiência. Isso quer dizer que, da relação estabelecida, resultam transformações em ambos os elementos. Bachelard argumenta que “os conceitos e os métodos, tudo é função do domínio da experiência; todo pensamento científico deve mudar ante a uma experiência nova” (BACHELARD, 1985, p. 121).

Quando você explicita e fundamenta sua base conceitual na problemática, significa que está construindo uma forma abstrata de explicar uma dada realidade. Você não está tratando da realidade em si. Então, para utilizar as palavras de Bourdieu, “por mais parcial e parcelar que seja um objeto de pesquisa, só pode ser definido e construído em função de uma problemática teórica que permita submeter a uma

interrogação sistemática os aspectos da realidade colocados em relação entre si pela questão que lhes é formulada" (BOURDIEU, 2004, p. 48).

Assim, fique atento(a) para não cair nas armadilhas das repetições de conceitos já consagrados por autores famosos que dão a falsa impressão de tudo explicar. **Um conceito não é bom ou ruim em si, apenas mais ou menos adequado na condução da pergunta formulada à realidade frente a uma problemática teórica.** Assim, se um conceito é uma ferramenta explicativa da realidade, é preciso que possamos confrontá-lo com o real. Para isso, é preciso que os conceitos sejam, de um lado, operacionalizáveis e, de outro, sistemáticos, propiciando a possibilidade de generalização, como nos alerta Bourdieu (2004).

Entretanto, o investigador não pode perder de vista a relação dialética entre as características operacional e sistêmica. Se a construção do conceito privilegiar apenas sua função operacional, o pesquisador se limita a uma apreensão resultante de uma pré-noção do referencial empírico, o que poderíamos chamar de uma mera descrição, como, por exemplo, um trabalho que concentra seu foco em descrever as fontes, sem questioná-las ou discorrer a partir delas com base em conceitos pré-definidos.

Por outro lado, se o conceito for construído apenas com base na função sistêmica, a pesquisa não permitirá o confronto com a realidade, como, por exemplo, uma pesquisa que apenas discute conceitos sem torná-los aplicáveis em casos concretos. Isso acontece se o conteúdo do trabalho for concentrado no debate abstrato, tornando-se, assim, apenas teórico.

Diante disso, você deve tomar alguns cuidados para construir sua base conceitual. Primeiramente, lembre-se de que é necessário definir os elementos constitutivos do conceito, como as dimensões e os indicadores, os quais são plenamente observáveis e mensuráveis. Além disso, a construção do **conceito operacionalizável está sempre em função de um conceito já construído, mas, agora, confrontado com uma nova pergunta.**

É fundamental que o pesquisador não adote a *priori* os conceitos que serviram para explicar outras realidades sem antes realizar uma mediação com o contexto que originou sua pergunta de partida. Enfim, é necessário que o pesquisador se pergunte: o recorte temporal e espacial

que objetiva a minha pergunta específica apresenta novos elementos a serem incorporados na teoria já testada e ratificada por outras realidades anteriormente estudadas?

Embora a construção do modelo de análise deva considerar os conceitos já estabelecidos no seu campo de análise científica a partir de seus respectivos indicadores, é necessário mediar o conceito geral com a realidade especificada temporal e espacialmente e com a questão central elaborada pelo pesquisador. O desafio de contemplar o geral e o particular a fim de construir conceitos que sirvam de ferramenta de análise do real é um esforço permanente do pesquisador na elaboração do saber científico.

Veja o caso do exemplo a seguir.

A questão que se coloca aqui é esta: o conceito já produzido de representações sociais é precisamente explicativo da dinâmica de relações humanas que envolvem a interação de sujeitos sociais?

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

O conceito de "representações sociais" é uma construção da área da Sociologia. Utilizava esse conceito o sociológico Erving Goffman. Tal conceito nasceu de uma necessidade de identificar um fenômeno que se parece muito com o de representações teatrais, na concepção de Goffman. Segundo ele, a representação social não se constitui enquanto sinônimo de realidade, mas sim como um fenômeno que alude a uma realidade, e que o ator – nesse caso o personagem – também representa para si próprio com o intuito de realizar alguma satisfação pessoal, que por vezes não é intencional. Ele afirma que os indivíduos, separadamente ou em grupo, realizam representações teatrais com caráter dramático. Ou seja, o indivíduo age de forma calculada, para transmitir uma nova "versão" de si, mesmo que isso não seja apreensível num primeiro momento. O que remete às questões culturais, como, por exemplo, tradição, costumes, ou posição social de quem assiste ou observa – a plateia, o faz por conveniência. Acompanhe um fragmento do texto de Goffman, quando explicita a condição de "representação":

Quando um indivíduo desempenha um papel, implicitamente solicita de seus observadores que levem a sério a impressão sustentada perante eles. Pedelhes para acreditarem que o personagem que vêem no momento possui os atributos que aparenta possuir, que o papel que representa terá as conseqüências implicitamente pretendidas por ele e que, de um modo geral, as coisas são o que parecem ser. (GOFFMAN, 1985, p. 25).

Tal processo induz o personagem a uma busca da crença e de credibilidade daquilo que ele considera como impressão de realidade. Nesse caso, ele próprio deverá ser o primeiro a aceitar sua representação como válida. Assim, se os espectadores também o fizerem, a representação terá sido bem sucedida. Com isso, o personagem pode ter convencido a si próprio e convencido aos espectadores de que o que representa é a realidade, de acordo com o grau de veracidade que conseguir transmitir.

De acordo com as concepções do autor, pode-se afirmar que o personagem projeta, no momento da representação, uma série de características pelas quais gostaria de ser reconhecido posteriormente, na representação já consumada.

Por exemplo, como você pode perceber, a pesquisa significa parte do real e não o real em si mesmo. Essa parte do real pode-se denominar "representação" do real, um conceito da Sociologia, mas que está sendo bastante difundido na historiografia.

Observe outra possível conceituação.

Em outra aceção do conceito, Richard Sennett aponta, quanto às representações, que as regras, convenções e artifícios, em determinadas atitudes da convivência social, servem para impedir que as pessoas se mostrem como realmente são para outras. Para demonstrar isso, o autor faz uma analogia do modo de viver em público com as representações teatrais, em que os atores produzem um personagem por vezes sem relação nenhuma com seu intérprete. De tal modo, se destaca nesta pesquisa que a representação não ocorre de maneira totalmente inconsciente por parte desse sujeito-ator. Nesse caso, incide sobre o indivíduo uma prática denominada representação, uma forma de interação que ocorre entre ele e a sociedade, na qual um tem suporte no outro. A relação entre ator e plateia (denominações utilizadas por

Sennett para ilustrar essa interação indivíduo-grupo) dá-se, em partes, pelo conhecimento prévio do código de crenças que o primeiro tem em comum com o último.

Sennett demonstra como esses processos de representação foram apropriados dos palcos para as ruas, nas interações entre pessoas comuns (não atores), através do exemplo de cidades como Paris, durante o século XVIII, em que se constituíam cafés e clubes como espaços de representações, pois eram os locais de exercício de sociabilidades, interpretação como os teatros. Isso, aliado aos artifícios utilizados pelas pessoas nesses ambientes, caracterizava-se como um “mascarar-se” diante de pessoas estranhas à convivência íntima (como as do grupo familiar). Além do estatuto conferido pelo ambiente, de acordo com a representação a que se pretendia, o corpo também era um dos recursos utilizados, entendido como manequim: “Usavam-se máscaras, mas somente pelo prazer de tirá-las com frequência. O corpo parecia ter-se tornado um brinquedo com o qual era divertido brincar” (SENNETT, 1988, p. 90).

Dessa forma, Sennett afirma que, naqueles espaços, mais importante do que o indivíduo era a imagem que ele representava, ou os símbolos através dos quais gostaria de ser reconhecido. “As pessoas então experimentavam a sociabilidade nesses cafés sem revelar muito de seus sentimentos próprios, de sua história pessoal, ou de sua posição social” (SENNETT, 1988, p. 109). Com o passar do tempo, as representações tornavam-se indispensáveis à vida em público. Assim, crescia o grau de refinamento das apresentações, e novos códigos de crença foram instituídos na representação. Entre os recursos utilizados estava o tom da voz, a eloquência, o gestual de um modo geral e os aparatos externos, como as vestimentas e outros acessórios.

Numa segunda concepção sobre a instrumentalização do conceito, Roger Chartier (1991) problematiza as representações em duas significações distintas. Uma é a ideia de representações coletivas, a partir da qual as representações são entendidas como possibilidades que os sujeitos constroem sobre si mesmos, com o objetivo de desempenhar papéis sociais nas relações entre indivíduos e sociedade. Essa forma de representação se dá pela “apresentação de uma presença”, ou seja,

a interpretação de um papel. De outra maneira, Chartier entende que a representação também se configura como uma referência a uma ausência, quando um sujeito faz menção a um objeto ou atitude que não se encontra materializada nas relações sociais. Nas duas maneiras de representar transmite-se a noção de um objeto ausente por uma imagem presente. A isso se denomina representação social.

Como você pode perceber, existem pelo menos três maneiras de conceituar o termo “representações sociais”. Com base nessas definições, outros pesquisadores utilizaram o conceito para aplicá-lo aos diversos tipos de objetos de pesquisa. Nesse caso, as representações envolvem a interpretação, a leitura sobre o conteúdo de determinada prática ou objeto a que se faz referência. Nesse aspecto produzem-se e consomem-se signos e códigos e reproduzem-se práticas sociais.

São inúmeras as questões que podem ser consideradas no momento da construção da base conceitual de uma pesquisa. Cada investigador privilegia um aspecto da realidade que se torna mais adequado na construção da resposta para sua problemática. Por exemplo, as ferramentas conceituais “representação social” e “identidades” apresentadas para refletir concepção de interação, pertencimento etc. Acompanhe o fragmento a seguir, que discorre sobre conceitos de identidades.

IDENTIDADES

Entendem-se identidades como o conjunto de características próprias de um sujeito, que permitem distingui-lo de outros na sociedade, afirmando-o como único, num dado contexto sócio-histórico. Desse modo, também pode ser entendido como o conjunto de características que dão ao mesmo sujeito a noção de pertencimento – ou não – a um determinado grupo. Assim, as identidades aproximam, mas também excluem.

Para a História, as identidades são ferramentas, instrumentos que possibilitam a compreensão e reconstrução de práticas sociais desen-

volvidas por indivíduos, envolvendo o sentimento de pertencimento a grupos e que se apresentam diante do outro com características próprias, considerando o contexto sócio-histórico. Percebe-se, assim, que a construção das identidades é fruto de produção social, entretanto presta-se a uma apropriação individual, levando-se em conta que não é apenas um atributo que os grupos carregam, mas o próprio processo de (re)construção, como você verá a seguir.

Nesse sentido, pode-se pensar no conceito de identidade como um instrumento no estudo de práticas sociais. Esse conceito ganhou relevância no mundo contemporâneo também devido à quebra de paradigmas, como o estabelecimento de verdades únicas e definitivas. Essa quebra ocorreu no fim do século XIX. Assim, o conceito permite a noção de mobilidade e transitoriedade. Entretanto, é uma ferramenta útil para a compreensão das práticas de sociedades do passado.

A identidade é produzida numa tensão permanente entre o discurso normatizador, que expressa o “**dever ser**”, o ideal socialmente desejado em um contexto espaço-temporal, e as práticas cotidianas continuamente submetidas às estruturas econômicas, políticas e sociais que articulam a vida de determinados agrupamentos humanos. Isso ocorre tanto nas relações entre indivíduos e grupos como na ligação entre discursos e práticas, como assinala Mendes (2002, p.503). Esse autor classifica as identidades em tipos, como identidades pessoais e sociais, que serão abordados a seguir. Nesse aspecto, o **espaço** é um dos elementos que tem grande influência nesses arranjos, principalmente pela fluidez e constante reconstrução das identidades.

Contudo, tais características também são entendidas como flutuações no **tempo**, outra dimensão fundamental em sua composição, ocasionando maior mobilidade do indivíduo no contexto histórico. O indivíduo faz parte de diversas instituições e estruturas e, por isso, suas identidades são múltiplas e fragmentadas. Desse modo, uma das possibilidades de definição para esse indivíduo é o conjunto de identidades que ele apresenta em dado momento, mas que estão em **constante processo de reconstrução**. Veja bem... As identidades não são construídas em definitivo, mas estão em permanente reconstrução, na medida em que ocorrem rupturas, mobilidades, (des)integrações.

Destaca-se que as identidades não surgem somente com determinados tipos de sociabilização que podem ser considerados, de certa forma, fixos ou de maior duração nos grupos (como relações de parentesco, de afetividade, de produção); elas emergem nas condições de conflito, em situações em que são provocadas. Ativadas pelas lutas, pelas tensões, são reconhecidas como espaços de tensão social, geradas por desigualdades, relações de poder – e, por isso mesmo –, **situacionais**.

Utilizando as palavras de Mendes (2002), destaca-se que esse processo de identificação ocorre sempre a partir do contato com o outro, permeado por relações de aproximação ou distanciamento. Na primeira relação, o indivíduo introjeta características com as quais quer se ligar ou ser reconhecido. No segundo processo, verifica-se o oposto, pois ele identifica as características pelas quais não quer ser reconhecido e as exclui. Entretanto, o que é comum nos dois casos é a percepção do outro para voltar a sua posição, seu lugar. E não simplesmente na condição de reproduzir tais características com as quais se identifica. Para ocorrer a identificação, o indivíduo reconstrói essas mesmas características, moldando-as de acordo com interesses próprios, em processos de **tensionamento**.

Lembre-se de que os conceitos apresentados são apenas exemplos da conceituação de “representações sociais” e “identidades”. Para sua pesquisa, você mesmo(a) deverá construir os conceitos que forem pertinentes à análise estabelecida. Um mesmo conceito (construído a partir dos mesmos indicadores) pode tornar-se inadequado ou apresentar sérios problemas de operacionalização, ao pretender dar inteligibilidade aos significados atribuídos a uma realidade muito diferente da que está sendo estudada.

Em ambos os casos citados, os conceitos foram produzidos por outros autores, mas mediados pelo referencial empírico de uma outra pesquisa, em um momento posterior. É desta maneira que o conceito pode se constituir numa ferramenta explicativa daquela realidade específica. Para que você componha a base conceitual e o referencial teórico, serão apresentadas a seguir algumas dicas para a seleção e o desenvolvimento das leituras necessárias e também sobre como sistematizar essas leituras.

SEÇÃO 2

EXPLORAÇÃO DO TEMA ATRAVÉS DAS LEITURAS

Muito já foi dito sobre a busca de fontes históricas, mas outro aspecto relevante da pesquisa é a abstração teórico-conceitual. A leitura permite a articulação de informações e ideias, como também a conexão entre elas. Você deve desenvolver o hábito da leitura, pois qualquer pesquisador, por mais brilhante ou promissor que seja, não escapa a essa prática. Para realizar uma pesquisa de caráter científico, você deve explorar as teorias com intuito de ir além da mera aplicação de algumas técnicas e aprimorar a reflexão antes de dar respostas às perguntas que ainda nem foram elaboradas de maneira satisfatória.

Não basta apenas ler. É necessário ler e refletir sobre aquilo que se está lendo. Por exemplo, se você tem uma pergunta de partida que acha excelente, mas não consegue ler nada acerca de sua temática, ou não consegue achar fontes de pesquisa para explorá-la, atenção: algo no desenvolvimento da pesquisa está sendo traçado de maneira equivocada.

Assim que definir seu tema de pesquisa e sua problemática, você deve selecionar as leituras. Essa etapa exige tempo e dedicação. Comece esse trabalho com leituras de artigos que sintetizem obras mais extensas que deve ler mais adiante. Lembre-se de que você deve aproveitar seu tempo da melhor maneira possível. Por isso, deve ser bem seletivo. Neste aspecto, optar por leituras que apresentam reflexões de síntese, mesmo que reduzidas, pode ser uma alternativa interessante. Assim, você conhecerá o trabalho de alguns autores e não desperdiçará tempo lendo inúmeras páginas sem que isso contribua para a construção de seu objeto de pesquisa; ou, ao menos, desenvolva criticidade sobre o tema.

Tome cuidado ao escolher textos que apresentem abordagens muito distantes do fenômeno a ser pesquisado. Privilegie textos em que os autores priorizam a análise e a interpretação, ao invés de se prender a textos que pouco provocam a reflexão. Por exemplo, você escolhe trabalhar com imagens, que é uma tipologia de fontes relativamente nova no campo de trabalho do historiador, e seleciona diversos artigos,

livros e autores de várias áreas – como Antropologia, Comunicação, Sociologia, por exemplo, – que trabalham com imagem também. Em cada uma dessas áreas a proposta de trabalho e tratamento dado às fontes é diferente. Isso pode ser negativo, no sentido de abrir muitos caminhos e possibilidades com abordagens muito diferenciadas e posicionamentos divergentes. Portanto, não tente fazer uma “colcha de retalhos” com aspectos gerais de cada autor.

Não adicione referências que você realmente não utilizou, só para preencher espaço ou dar a ideia (errada) de que as conhece e é capaz de discutir com todos aqueles autores e suas obras. Você precisa estabelecer um método de organização e tratamento às leituras que selecionar, desde que possuam relação com sua temática de estudo e que venham a contribuir para a pesquisa. Alguns (maus) pesquisadores têm o hábito de procurar suas referências na internet e adicioná-las ao corpo de referências, ao fim do trabalho. Sem ler, ou pior, sem analisar o material que dizem ter composto seu percurso de pesquisa.



Você deverá definir quais os critérios para busca de referencial teórico: serão incorporadas apenas as publicações mais recentes sobre seu tema, ou obras renomadas e antigas? Você construirá seu referencial com obras da área de História, ou haverá um diálogo com outras áreas do conhecimento? É preciso que você pense como fará a seleção dessas obras de literatura acadêmica.

À medida que as leituras forem avançando, dê um tempo para assimilar o que está lendo. Não fique apenas em cima dos textos durante horas a fio, tentando incorporar as leituras meio que por “osmose”. Sozinho(a), ou com colegas que estão na mesma etapa que você, permita-se analisar, refletir. Saia e se sociabilize. Esses momentos também são importantes, pois, em muitos casos, é nessa hora de relaxamento que ocorrem muitos *insights*. Justamente em momentos descomprometidos, numa conversa informal, em uma roda

de amigos. Mas, lembre: quantidade não significa qualidade em termos de leitura. Há que se ter bom senso.

Utilizando a internet, você encontrará, em portais acadêmicos, muitas pesquisas sintetizadas em forma de artigos, como no portal de periódicos da CAPES¹, por exemplo. Outra possibilidade de busca de artigos científicos, separados por publicação, é o portal SCIELO², que contém publicações nacionais e internacionais. Você pode pesquisar por assunto, título do periódico, nome do autor e palavras-chave. Além dessa possibilidade, o sistema de consultas de quase todas as bibliotecas permite – através de um computador com acesso à internet – acessar obras rapidamente, apenas pesquisando seu tema por autor, título da obra ou palavra-chave.

Preste atenção aos artigos de revistas, notadamente aquelas especializadas no seu campo de investigação. Os periódicos são veículos dinâmicos que apresentam conhecimento atualizado e interessantes críticas sobre o conhecimento anterior. Os autores apresentam balanços que envolvem, em geral, a análise de importantes cientistas e acabam por trazer ricas referências a serem consideradas. Além disso, há seções de resenhas e comentários bibliográficos que informam as obras recentes relativas ao foco de interesse da revista. Jamais deixe de consultar as referências bibliográficas compiladas no final de qualquer obra ou dos artigos que você acessou. Isso facilita sobremaneira a cobertura de seu campo de pesquisa, pois possibilita verificar os autores que compartilham da mesma linha teórica, assim como os assuntos mais debatidos no momento. Uma proposta interessante seria pedir recomendação de leituras e autores para algum professor que tenha conhecimento na mesma área que a de seu interesse.

Mas mantenha certa cautela ao buscar textos na internet devido ao volume de informações que você irá encontrar em formato digital, o que exige um apurado trabalho de seleção e crítica. Você corre o risco de se perder entre tantas informações e não saber o que já leu e o que ainda está por vir. Por isso, seria interessante manter um arquivo com seus registros com datas e referências já lidas e fichadas.

1 Acesse: www.periodicos.capes.gov.br

2 Acesse: www.scielo.br/?lng=pt



Consulte os índices, sumários e referências dos livros antes de abandonar rapidamente aqueles livros com “espessura assustadora”. Lembre-se de que muitos livros são coletâneas de textos de diferentes assuntos e, nem sempre, é preciso ler o livro integralmente.

Ao iniciar uma leitura é comum pensar que aquele autor nada tem a acrescentar, ou que a leitura é demasiadamente indigesta; entretanto, é necessário dizer que você está no caminho certo e deve continuar a realização de leituras até perceber que pode articular as ideias diversas presentes nas leituras que já realizou. Só se aprende a ler lendo mesmo.

À medida que for realizando as leituras, registre as ideias principais de cada texto por meio de fichamento, de modo que, quando estiver avançado consideravelmente nas pesquisas, não haverá necessidade de ler tudo novamente. Como existem diversos tipos de fichamento, você certamente irá selecionar o mais prático, ou o que se adapta mais ao seu estilo de leitura/escrita. Nele, poderá ser sintetizada a obra do autor com a cópia de fragmentos mais relevantes, ou você poderá produzir um texto seu, mas baseado no conteúdo do autor, com comentários e anotações que considerar pertinentes. O que se torna impraticável, ao realizar um fichamento, é recortar pedaços aleatórios do texto original, que não fazem o mínimo sentido ao serem lidos posteriormente. Por isso, a análise e reflexão sobre o que está lendo tornam-se fundamentais.

Quivy e Campnhoudt (1992) sugerem a elaboração combinada de uma grelha de leitura e de um resumo. Se a grelha auxilia na leitura com ordenamento e profundidade, o resumo possibilita a retenção das principais ideias do texto. Você pode elaborar uma tabela como a sugerida a seguir, preencher a coluna da esquerda com as principais ideias de cada parágrafo ou página e, na coluna da direita, estabelecer uma reflexão com base na ideia do autor.

Ideias conteúdo	Tópicos para a estrutura do resumo
1.	
2.	
3.	
4.	
5.	
6.	
7.	

Figura 2 - Modelo de fichamento

Um texto pode ser dividido por seções que podem ser parágrafos ou itens. Seja como for, é um trecho em que várias frases estão reunidas e apresentam uma ideia coerente. Para cada seção deve-se designar um número e assim sucessivamente, e o argumento principal da seção deve ser escrito na coluna da esquerda (ideias conteúdo).

Depois de findado o trabalho de organização das ideias na coluna da esquerda, é preciso que elas sejam relidas para que você consiga apreender as articulações e a estrutura do pensamento do autor como as ideias mestras, as etapas do raciocínio e a complementaridade entre as partes. São as articulações que devem aparecer na coluna da direita (tópicos para a estrutura do resumo). Mesmo que encontre dificuldades nesse momento, não desista, pois só com exercício poderá melhorar sua aptidão para a apreensão da leitura e comparar e analisar as ideias de diferentes autores.

SEÇÃO 3

COMO ELABORAR UM RESUMO



Ao desenvolver uma pesquisa espera-se que o pesquisador argumente sobre o que é consenso com relação ao tema da pesquisa, o que é dado como dominado, e sobre o que ainda não há estudos suficientes (se esse for o caso do seu tema de pesquisa). A prática de adotar o modelo de fichamento pode ser positiva, pois permite a reflexão e o registro sobre as ideias de um autor, sem que você precise reler ou lembrar qual foi o autor que fez uma determinada afirmação.

Na fase exploratória de sua pesquisa, a primeira leva de leituras tem como objetivo compreender e destacar as ideias principais dos autores e suas articulações. Dessa forma, o resumo acompanhado da grelha de leitura é um método muito eficiente. Mas só é possível elaborar um bom resumo depois de uma boa leitura. Então, se você pretende queimar a etapa de realizar uma leitura adequada, considere impossível a tarefa de redigir um resumo de boa qualidade!

Assim, apenas depois de ter desenvolvido sua leitura a partir da grelha

de leitura, realize os seguintes passos:

- Leia o conteúdo da coluna das “ideias conteúdo” e observe que, embora ordenadas, há necessidade de uma articulação e de um filtro que garantam a visibilidade das ideias mais importantes do autor.

- Considere igualmente o conteúdo da coluna da direita, na qual estão as informações relativas à importância e à articulação das ideias, se são centrais, secundárias, e pode ordená-las graças ao conteúdo da coluna da esquerda, onde são retomadas de forma condensada.

- Estructure as ideias de modo a reconstruir a unidade do pensamento do autor e a coerência do seu raciocínio.

- Redija o resumo de forma suficientemente clara para que possa ser fiel ao texto original e garantir a transmissão da ideia global do autor.

Mas lembre-se: elaborar um resumo não quer dizer copiar e transcrever integralmente tudo o que está escrito no texto.

Quando se aborda uma leitura de forma ativa como esta, o resultado é que as ideias dos autores se inscrevem em seu raciocínio teórico e conceitual. O exercício, além de melhorar sua capacidade intelectual, permite que você abasteça com mais facilidade as comparações necessárias para a elaboração de seu raciocínio científico. Embora o método de leitura aqui apresentado seja rigoroso, é possível realizar adaptações às especificidades de cada pesquisador e seu projeto. Entretanto, lembre-se de que ler mal milhares de páginas não lhe servirá para absolutamente nada; e, ao contrário, uma boa leitura metódica pode levá-lo a progredir na sua trajetória de pesquisa, pois nem sempre a quantidade de referências citadas num texto é diretamente proporcional à qualidade da discussão empreendida pelo autor.

SEÇÃO 4

COMPARANDO IDEIAS NOS TEXTOS

Para que o seu empenho resulte em avanços, é preciso que as leituras realizadas apontem elementos de reflexão e pistas para a construção de sua investigação. Sendo assim, reflita sobre as seguintes dicas quanto à leitura e análise dos textos de autores diferentes:

- Confronte os textos e destaque os posicionamentos dos autores na abordagem do fenômeno.
- Ordene os posicionamentos encontrados de forma a destacar as convergências, as divergências e as complementaridades.
- Para destacar as pistas para o avanço de sua investigação, reflita sobre a identidade das leituras, a sua pergunta de partida e as pistas que as leituras sugeriram.



.....

PARA REFLETIR

Ao fim da sistematização das informações adquiridas com a primeira leva de leituras, você estará apto(a) para escolher com mais precisão sua próxima leva de leituras, optando por aprofundar algum ponto de vista ou até mesmo abordar um ângulo ainda não explorado de sua investigação. Entretanto, é bom que nesse momento você interrompa provisoriamente a leitura dos textos e procure exercitar reflexões e discussões sobre o tema! Depois de um tempo, estará com as energias renovadas e pronto(a) para progredir em direção ao objetivo que persegue!

.....

Outra proposta de fichamento está destacada no quadro abaixo. Pode ser feita em um editor de texto ou em um software próprio para a sistematização dessas leituras (também conhecido como editor de mapas mentais ou editor de fichamentos eletrônicos, como o Textcite e o Zotero, que veremos na próxima unidade), ou em suporte impresso, se você prefere utilizar papel para fazer suas anotações. Desse modo, você deve iniciar o documento pelo registro da referência da obra, colocando-a desde o início nas normas (retome a leitura do livro de Métodos e Técnicas de Pesquisa I, Unidade III, que enfatiza e demonstra em vários tipos de exemplos como realizar essa padronização).

Você pode extrair citações do autor do texto e, ao lado, produzir uma curta reflexão sobre o fragmento. Não existe um único modelo de fichamento. O que se demonstra aqui é uma entre diversas possibilidades para fazê-lo. No entanto, existem alguns elementos que devem constar nele, mesmo se estivermos trabalhando em um simples editor de texto. Observe o quadro:

Palavras-chave	Citações	Reflexões
Conceito de resenha	É a apresentação do conteúdo de uma obra, acompanhada de uma avaliação crítica. Expõe-se claramente e com certos detalhes o conteúdo da obra para posteriormente desenvolver uma apreciação crítica do conteúdo. A resenha crítica consiste na leitura, resumo e comentário crítico de um livro ou texto (...). (LAKATOS e MARCONI, 1996, p. 90).	O que diferencia uma resenha de um resumo é a crítica fundamentada que ela oferece.
Critérios para elaboração da resenha	(...) Para a elaboração do comentário crítico, utilizam-se opiniões de diversos autores da comunidade científica em relação às definidas pelo autor e se estabelece todo tipo de comparação como os enfoques, métodos de investigação e formas de exposição de outros autores. (LAKATOS e MARCONI, 1996, p. 90).	Uma boa estratégia para a escrita de uma resenha crítica é realizar leitura de outro autor a respeito.

Figura 3 - Modelo de fichamento

Fonte: LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de metodologia científica. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2005. Disponível em: http://4.bp.blogspot.com/_r3HpcP4RkL4/S8dBkdqTYI/AAAAAAAAAr8/Uju7ForduHE/s1600/Imagem2.png

No modelo acima, o autor do fichamento destacou palavras-chave e selecionou fragmentos da obra que poderiam ser usados na estruturação do referencial teórico. Além disso, na coluna da direita, escreveu em poucas linhas um resumo do raciocínio do autor. A composição de um fichamento é de suma importância, pois você pode precisar dessa leitura em um outro momento, para dar continuidade a sua pesquisa, numa pós-graduação, por exemplo. Assim, se realizar o fichamento das obras lidas, poupará uma nova leitura, que, embora nem sempre desnecessária, será facilitada pela estrutura desse registro das informações lidas.

Quando suas leituras já tiverem avançado um pouco mais, você pode comparar ideias de autores, complementando-as, confrontando-as ou, até mesmo, desconstruindo-as. O quadro abaixo fornece um exemplo de como isso pode ser feito através da comparação de ideias e argumentos de diferentes autores que trabalham com um mesmo objeto.

QUADRO COMPARATIVO

Palavras-chave	Autores		
	França (1996)	Lakatos e Marconi (1996)	Medeiros (2000)
Conceito de resenha	Trabalho de síntese, publicado logo após a edição de uma obra, tendo por objetivo servir como veículo de crítica e avaliação. Geralmente constitui seção especial de revistas	É a apresentação do conteúdo de uma obra, acompanhada de uma avaliação crítica. Expõe-se claramente	
Critérios para elaboração da resenha	(...). A apreciação necessita ser elaborada de maneira impessoal, sem demonstração satírica ou cômica. Contém posicionamentos de ordem técnica diante do objeto de análise	[...] Para a elaboração do comentário crítico, utilizam-se opiniões de diversos autores da comunidade científica em relação às definidas pelo autor e se estabelece todo tipo de comparação como os enfoques, métodos de investigação e formas de exposição de outros autores. (LAKATOS e MARCONI, 1996, p. 90).	Toda a resenha é permeada de afirmações avaliativas. Na resenha crítica, o leitor espera um posicionamento do resenhista; ela não pode ser fria e distante, temerosa de comprometimento, sob pena de tornar-se um texto indigesto, desinteressante. Todavia, os juízos avaliativos precisam apoiar-se em fatos, em provas, em argumentos consistentes. Afirmações genéricas pouco acrescentam, ou revelam desinteresse em aprofundamento da análise. (MEDEIROS, 200, p. 25).
Estrutura da resenha	Devem constar: o título, referência bibliográfica da obra [...]		Na resenha crítica além dos elementos descritivos e narrativos, há os dissertativos, a defesa de um ponto de vista [...]

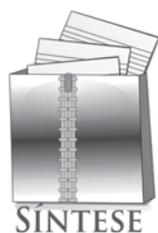
Figura 4 - Modelo de quadro comparativo

Fonte: http://2.bp.blogspot.com/_r3HpcP4RkL4/S8c7eb5Hs_I/AAAAAAAAAr0/15uEi-Bajlk/s1600/Imagem1.png

Depois de realizado um balanço dos conhecimentos relacionados à pergunta de partida através das leituras e elaboração de fichamentos, é o momento de descobrir aspectos complementares, já que a fase exploratória da pesquisa implica várias ações que se enriquecem mutuamente. Outra sugestão é que você não precisa realizar fichamento de tudo que ler. Considere o que é essencial, imprescindível e que certamente enriquecerá sua busca. Nem todas as obras serão ou poderão ser utilizadas integralmente.

LEMBRE-SE:

Registre sempre em seu fichamento o número da página de que selecionou a citação ou sobre a qual fez um comentário. Isso é absolutamente necessário para que você se localize ao escrever o texto final da pesquisa, ou efetuar a sua revisão.



No estudo desta unidade, você pôde refletir sobre leituras e elaboração de fichamentos e resumos. Essa prática é necessária para a construção de um referencial teórico e conceitual que lhe propiciará maior embasamento tanto para formular e fortalecer sua problemática como para desenvolver sua pesquisa, característica essencial do projeto a ser elaborado adiante. Agora selecione algumas leituras que fornecerão subsídios à construção de problemática e realize as atividades sugeridas a seguir.



1. Após definir cinco palavras-chave de sua pesquisa, selecione dois artigos que abordem um dos aspectos relativos ao seu objeto de pesquisa (por exemplo: Imigração; Patrimônio Histórico; História das Mulheres; Religiosidades).
2. Realize o fichamento desses textos com base nos critérios propostos na Unidade II, fazendo as adaptações que achar conveniente. O importante é estabelecer um modelo de fichamento que será utilizado por você daqui para frente.
3. Escreva um parágrafo sobre cada um dos artigos, sintetizando as principais ideias de cada um. Desse modo, você está dando forma ao seu referencial teórico.

